

CONTORNOS SOBRE O FILME “NOME PRÓPRIO”: ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS¹

Wilton Garcia

Possui graduação (1992) em Letras pela PUC/SP; Mestrado (1997) e Doutorado (2002) em Comunicação pela ECA/USP; e Pós-Doutorado (2006) em Mídias pelo IA/UNICAMP. Atualmente, é professor de Comunicação/Publicidade e Propaganda na Fatec Itaquaquecetuba-SP e do Mestrado em Comunicação e Cultura da UNISO. Como artista visual e pesquisador, trabalha com fotografia, internet, performance e vídeo, com experiência na área de arte, comunicação e design sobre estudos contemporâneos, ao investigar temáticas de corpo e imagem.

Resumo

Este texto apresenta uma discussão de diferentes valores no filme brasileiro *Nome Próprio* (2007), de Murilo Salles. Aqui, a expectativa seria elaborar um debate crítico-conceitual, a fim de refletir sobre a diversidade cultural. E o enfoque metodológico ocorre a partir da investigação (observação, descrição e discussão) de sujeitos consumidores, objetos e respectivos contextos e representações – abordados no âmbito da comunicação social, junto aos estudos contemporâneos.

Palavras-chave: cinema; comunicação; tecnologias; estudos contemporâneos

Resumen

Este artículo presenta una discusión de diferentes valores en el cine brasileño *Nome Próprio* (2007), Murilo Salles. Aquí la expectativa sería desarrollar un debate crítico y conceptual para reflexionar sobre la diversidad cultural. Y el enfoque metodológico se basa en la investigación (observación, descripción y discusión) de los consumidores de sujetos, objetos y sus contextos y representaciones – cubiertos en los medios de comunicación, junto con los estudios contemporâneos.

Palabras clave: el cine; la comunicación; la tecnología; los estudios contemporâneos

Abstract

This paper presents a discussion of different values in Brazilian film *Nome Próprio* (2007), by Murilo Salles. Here, the expectation would develop a critical and conceptual debate to reflect on cultural diversity. And the methodology is based on research (observation, description and discussion) consumers of subjects, objects and their contexts and representations – covered in the media, along with contemporary studies.

Keywords: cinema; communication; technology; contemporary studies

1. Introdução

*O observador,
ao observar um animal
em suas circunstâncias,
vê suas relações e interações
– que mudam em um ambiente
como correlações senso-efetoras –
mas descreve o curso de tais relações
e interações como conduta.*

Humberto Maturana (1997, p. 113)

No campo da comunicação social, as contribuições do biólogo chileno, autor da epígrafe acima, equacionam uma necessidade de se pensar sobre experiências cotidianas a (re)inscrever algumas recorrências da cultura contemporânea. Observar não é tarefa fácil, muito menos descrever o observado – eis uma dinâmica idiossincrática, que reforça o ocorrido. Como processo investigativo, observar e descrever equivalem ao propósito de elaborar coordenadas discursivas que possibilitam a discussão sobre um tema.

Tal premissa serve de indicador para o desenvolvimento de uma reflexão sobre comunicação, consumo² e tecnologias emergentes, ao destacar diferentes valores (contornos) no filme brasileiro *Nome Próprio*³ (2007), de Murilo Salles. Eminentemente, essa narrativa fílmica explora a autoexposição pública de blogueiros/as na internet, atualmente, e uma possível consequência, que convoca o espectador a refletir sobre a contemporaneidade, inclusive no Brasil. Indubitavelmente, o modo de exibir o corpo, em si, por exemplo, provoca a atenção do espectador.

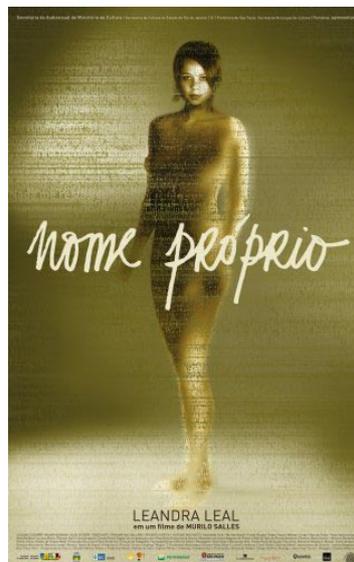


Ilustração 1 – Cartaz do filme

Fonte: <http://nomepropriofilme.blogspot.com.br>

Desde o cartaz do filme⁴ (vide página anterior) ao blog⁵ (<http://nomepropriofilme.blogspot.com.br/>) criados, especialmente, para divulgação, esse projeto cultural demonstra aspectos estéticos, econômicos, identitários, socioculturais e políticos para se desenvolver um produto cultural brasileira, hoje. Nesse caso, a produção de conhecimento tenta aproximar a película e

sua veiculação midiática com determinadas estratégias.

Portanto, a expectativa seria elaborar um debate, a fim de refletir sobre a diversidade cultural (YÚDICE, 2004). O enfoque metodológico, aqui, ocorre a partir da investigação (observação, descrição e discussão) de sujeitos consumidores, objetos e respectivos contextos e representações – abordados no âmbito da comunicação social, junto aos estudos contemporâneos.

Do ponto de vista conceitual, tanto para as tecnologias emergentes quanto para o cinema contemporâneo, a composição da informação agora ressalta uma condição adaptativa, cada vez mais, híbrida⁶. Ou seja, trata-se de um estado alterado, em que emergem “novas/outras” resultantes. Assim, cinema e tecnologia atravessam uma suposta posição e pontuam alternativas – da diversidade à diferença. Inevitavelmente, uma pluralidade de temas se alterna!

A tratativa cinematográfica, de modo poético, fala do afeto a partir de imagens que configuram relacionamentos *on line*, nas redes sociais. Mais que isso, o discurso, aqui, tange um amor improvável (não correspondido) em cena.

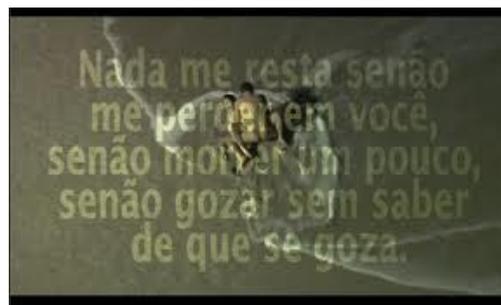


Ilustração 2 – Cena do filme
Fonte: <http://nomepropriofilme.blogspot.com.br>

Verifica-se, então, que os campos de arte, comunicação e tecnologia, na atualidade, estão intrincados por questões conceituais, críticas, metodológicas e teóricas. E, no filme, urge a singularidade da mensagem juvenil com fatores envolventes que desdobram ações precisas sobre o escrever na internet. Nessa mescla, prevalecem conceitos aplicáveis ao *ecrân*.

2. Da película



Ilustração 3 – Cena do filme
Fonte: <http://nomepropriofilme.blogspot.com.br>

Interpretada pela atriz brasileira Leandra Leal, a personagem Camila Lopes traduz desafios instigantes, cujo vertiginoso mundo paralelo entre ficção e realidade (re)instaura experiências junto ao universo digital. A soma disso se transforma no viver visceral e impactante de (re)soluções (de *insights*) – por ideias espontâneas que surgem no percurso de Camila.

Torna-se possível, assim, realizar a observação e a descrição de afeto, desejo, erotismo, sensualidade e sexo, entre outros argumentos na ordem das relações humanas expressas no filme. Um leque de possibilidades (re)estabelece, por camadas, as diversas articulações táticas, mediante as quais a protagonista expõe fluxos de informações fragmentadas, intercambiáveis e não-lineares. Um conjunto implacável de ideias prolifera no espaço cênico em que a personagem se desloca com frequência.

Nesse bojo, experiência, imagem, subjetividade e performance elencam-se como categorias discursivas, uma vez que o tecido narrativo explora diferentes pontos de vista – quase que simultaneamente. E isso apoia o escopo dos estudos contemporâneos do cinema, ao situar o desenrolar da trama, na intensidade dos fatos. Estados alterados (des)dobram referentes.

Diante do provocar corriqueiro, questionamentos e inquietações surgem na película perante mensagens pontuais, facilmente, digeridas pelo espectador. Parecem indagações conflituosas e aflitas. Disso, percebe-se a estratégia cinematográfica que (re)cria um clima poético e, ao mesmo tempo, reflexivo. O que enlaça e estende o pensamento inteligível ao sensível (e vice-versa), de frases como, por exemplo: *Ninguém vive a paixão impunemente!*



Ilustração 4 – Cena do filme

Fonte: <http://nomepropriofilme.blogspot.com.br>

A sinopse indica:

A história de Camila, uma jovem mulher empenhada em se tornar escritora. Sua vida é sua narrativa. Camila é intensa, corajosa. Para ela, o que interessa é construir uma trajetória como ato de afirmação. Elaborar uma existência complexa o suficiente para se escrever sobre ela. É um filme sobre a paixão de Camila e seu esforço para bancá-la. Uma personagem feminina que encara abismos e retira disso a força que necessita para existir. *Nome Próprio* é um filme sobre a paixão de Camila. De sua busca por redenção. Quer a literatura como ato de revelação. Para tal, cria vínculos. Carente, os destrói. Por excesso. Por apego. Por paixão.

Sendo assim, o filme conduz – com um ar criativo – uma livre adaptação da narrativa e literária do livro *Máquina de Pinball* (2002), de Clarah Averbuck. Do diálogo que evidencia e incorpora literatura e cinema, a película trata de um discurso emblemático/simbólico, o qual se constitui a partir de um conjunto de textos publicados no weblog <http://brazileirapreta.blogspot.com>.

São experimentações tanto da escrita quanto da imagem, porque objetivam sintetizar a vivência intensa de Camila. E a narrativa divide e organiza um território de possibilidades complementares (não lineares), em que a escritura (inter/trans)textual se faz pelas arestas de sua (inter)subjetividade.

Nesse eixo, o esforço da tradução de recursos estéticos e técnicos equaciona a relação escrita e imagem – e vice-versa – numa profunda revisão discursiva dos códigos verbais, não verbais e sincréticos. Há um enlace que permeia a passagem sensível e frutífera da literatura ao filme (STAM, 2003), cujo enfoque alterna medidas necessárias às suas competências comunicacionais do viver.

O enredo de *Nome Próprio* mostra um drama psicológico de uma jovem em busca da criatividade – como escritora e mulher – que vivencia os fatos, com distorções, (inter)mediados pelo fluxo digital contemporâneo. Seu cotidiano conturbado mostra a tentativa do crescer e SER, em meio às turbulências e na complexidade de um ponderar situações inusitadas.

3. Do feminino



Ilustração 5 – Cena do filme
Fonte: <http://nomepropriofilme.blogspot.com.br>

O contexto intimista do filme demonstra sentimentos universais e sua renovação feminina pretende (re)velar o tônus de um argumento sutil. Múltiplas histórias de paixões e amores perdidos entre atos e palavras. Estados do amadurecer ressaltam a vida, com dificuldades e enfrentamentos.

A película abre espaço, também, para o debate crítico-conceitual sobre a performatividade feminina, por meio da internet, em especial quando se pensa o atual contexto cinematográfico e a diversidade cultural no país. O filme discute o papel da mulher jovem contemporânea com atitudes contundentes.

Nome Próprio convida o público a refletir sobre as decisões cotidianas que atravessam o afeto. Independente de sua identidade de gênero, feminino, Camila toma as rédeas da vida e assume as consequências de cada decisão – nem sempre planejada –, mesmo as mais viscerais.

Por isso, não há qualquer indicação aparente de subalternidade (SPIVAK, 2010) no filme, pois elege as decisões como condição adaptativa para o seu posicionamento de mulher perante o mundo. Escolhe amigos, ficantes, namorados ou parceiros, da mesma maneira que não descarta sua lógica de escritora iniciante, a escrever as anotações para seu primeiro livro.

O que impressiona bastante é o volume de informações na densidade de fatos, que capta a (inter)subjetividade das imagens, as quais metaforicamente explodem em cena. Proliferam-se vontades, desejos e sensações...

Nesse sentido, a maneira de se propor esse feminino, aqui, perpassa o afeto, entre imagens que se desdobram à emergência da felicidade destacada no enredo. A narrativa (re)vêla uma protagonista inquieta e faz o público pensar por diferentes caminhos do sentir – intrínsecos ao Ser Humano.

4. Do digital



Ilustração 6 – Cena do filme

Fonte: <http://nomepropriofilme.blogspot.com.br>

Indiscutivelmente, o sentir tenaz da protagonista se embriaga por suas decisões tanto virtuais quanto reais – em trânsito, em fluxo – quando afirma que *escreve porque necessita*, como ato de sobrevivência. A escrita urge, então, da necessidade (do viver).

E mais que um mero diário digital, o blog nessa narrativa apresenta-se como confessionalário eletrônico de depoimentos íntimos ao expor o depositário poético da escritora. Nele, efetivam-se experimentações (inter/trans)textuais e sincréticas de uma aventura urbana.

E essas situações agudas tecem o emaranhado plástico de efeitos cinematográficos. São estímulos e projeções fílmicas atreladas à cultura digital. De fato, eis um convite para o espectador indagar a respeito das relações humanas (de)marcadas pelas tecnologias emergentes.

Nessa narrativa, o computador vira, também, um personagem de fôlego, ao gerar e solucionar conflitos, pois sua relevância estabelece um enredo dinâmico, sendo companheiro constante da protagonista. Mudam-se as parcerias, embora o convívio com a máquina permaneça.

Vale a pena, nesse caso, considerar “novas/outras” formas de interatividade produzidas pela tecnologia e o incremento de demandas sociais, políticas e culturais (GARCIA, 2005, 2011). Sabe-se que esses novos meios digitais geram desafios para os quais a maioria dos cidadãos, ainda, não foi treinada. Por isso, o que acontece na internet passa a influenciar a vida de Camila, bem como sua condução internauta de usuária-interatora. A partir do seu *weblog*, o que pode ser uma mera ocorrência comum para alguns se transforma em evidências no desfecho narrativo do filme. Isso atualiza a informação contemporânea, ao falar da paixão nos dias de hoje.

5. Do desfecho



Ilustração 7 – Cena do filme

Fonte: <http://vivendocidade.com/nome-proprio>

Dessa forma, a natureza distinta de possibilidades experimentadas pela protagonista exige anotações flexíveis capazes de elevar uma contaminação de ideias – por uma escolha contingencial. Para isso, torna-se necessário (re)dimensionar o olhar da observação no cinema ao relato de Camila (CANCLINI, 2012). São estados confluentes dessa narrativa, porque envolve o sujeito e sua sujeição (intrínseca/extrínseca) para perceber o *constructum* recorrente de (inter)subjetividades entre criação e recepção.

O espectador testemunha as tentativas de Camila para organizar sua própria vida, uma vez que se elege o caos como ordem, em uma inversão de valores. Tal modo eloquente de ordenar suas decisões coloca em xeque os paradoxos que tenta (re)formular para si. A combinatória entre virtual e real deve ser (re)adequada às situações favoráveis ao seu desenvolvimento humano, em busca da felicidade!

O que se está em voga são experiência do cotidiano tecnológico, os quais (de)marcam embates e (re)direcionam a atenção do público sobre a produção de efeitos de sentidos – na mensagem cinematográfica – que apela, estimula, excita, influencia e seduz. Nota-se que uma explosão de dados emerge nessa narrativa, a qual também conta com o acaso e/ou o destino a ser interrompido a qualquer momento – uma tênue linha (inter)media as ações.

Disso, considero que as impressões pautadas nesse texto são ensaios de ideias que a(di)cionam uma leitura, em outras tantas possíveis. São bem-vindas diferentes leituras (conceituais e/ou críticas) a descortinar as veredas da imaginação. *Nome Próprio* aponta fendas, lacunas, *gaps*!

Nesse desfecho cinematográfico envolvente, Camila afirma:

Preciso começar a escrever meu livro...

Referências Bibliográficas

AVERBUCK, Clarah. *Máquina de Pinball*. São Paulo: Conrad, 2002.

BURKE, Peter. Hibridismo cultural. Trad. de Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

CANCLINI, Néstor Garcia. *A sociedade sem relato – antropologia e estética da iminência*. Trad. de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Edusp, 2012.

_____. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 8ª ed. Trad. de Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2010.

_____. *Leitores, espectadores e internautas*. Trad. de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

GARCIA, Wilton. *O metrosssexual no Brasil: estudos contemporâneos*. São Paulo: Factash, 2011.

_____. *Corpo, mídia e representação: estudos contemporâneos*. São Paulo: Thomson Learning, 2005.

MATURANA, Humberto. *A ontologia da realidade*. Trad. de Cristina Magro, Miriam Graciano e Nelson Vaz. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença – a política dos estudos culturais latino-americanos*. Trad. de Eliana L. L. Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. de Marcos Pereira Feitosa, Sandra Regina Goulart Almeida E Andre Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STAM, R. *Introdução à teoria do cinema*. Trad. de Fernando Mascarello. Campinas: Papyrus, 2003.

SPYER, Juliano (Org.). *Para entender a internet: noções, práticas e desafios da comunicação em rede*. 2009. Disponível em: <http://ebookbrowse.com/spyer-juliano-org-para-entender-a-internet-pdf-d322865036>. Acesso em: 15 set. 2012.

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura – o uso da cultura na era global*. Trad. de Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

Webgrafia

<http://brazileirapreta.blogspot.com>.

<http://nomepropriofilme.blogspot.com.br/>

<http://vivendocidade.com/nome-proprio>

<http://wilton.garcia.zip.net>

Obra audiovisual

NOME PRÓPRIO, Murílo Sales, 2007, filme 35mm.

Notas

¹ Este texto faz parte do Projeto de Pesquisa “Comunicação, consumo e tecnologia: estudos contemporâneos”, desenvolvido junto ao *Mestrado em Comunicação e Cultura* da Universidade de Sorocaba – UNISO.

² Sem dúvida, o consumo está em alta atualmente. De modo inevitável, o consumir traduz uma pulsão. O consumir, inclusive, pode ser anotado perante a capacidade de decisão, em direção à efetivação da compra.

³ No Festival de Gramado (2008), recebeu os prêmios de Melhor filme, Melhor atriz (Leandra Leal) e Melhor direção de arte (Pedro Paulo de Souza).

⁴ Cabe registrar que, as imagens ilustrativas deste artigo são fragmentos visuais de divulgação – sobretudo na internet – do filme em discussão.

⁵ É uma abreviação da palavra *weblog* (SPYER, 2009, p. 31), que significa um local na rede mundial de computadores.

⁶ Em especial quando se pensa sobre o hibridismo cultural (BURKE, 2003; MOREIRAS, 2001), a intensão seria considerar os procedimentos de (des)construção dos enunciados, ainda mais na relação entre a arte, os meios audiovisuais e o consumo (CANCLINI, 2008, 2010).

